

# Notas sobre planejamento e objetivos na Educação Infantil

***Área: Educação Infantil – Pré-escola***

Selecionador: Maria Virgínia Gastaldi

*Categoria: Professor*

## Notas sobre planejamento e objetivos na Educação Infantil

Trabalhando com o segmento de Educação Infantil há quase trinta anos, observo algumas constantes nas perguntas dos professores e coordenadores, uma delas diz respeito ao planejamento. Observo que o planejamento é uma enorme preocupação para muitos professores, que há um grande esforço no sentido de fazer um bom planejamento, que eles trabalham muito para planejar e organizar previamente suas ações e que nem sempre esse investimento inicial corresponde aos resultados finais nas aprendizagens das crianças, ou ao menos aquelas que a Educação Infantil deve promover.

Como planejar parece ser frequentemente uma dificuldade e tema de discussão entre os profissionais, decidi fazer alguns comentários e apontamentos a partir das conversas e reflexões que tenho feito com os professores.

### **Fazer o simples, não o fácil, não é fácil!**

Há uma ideia corrente de que um bom planejamento é carregado de objetivos, conteúdos e propostas de atividades com as crianças. Isso faz com que muitos professores, ao planejar, façam grandes e variadas listas de objetivos e conteúdos, seguidas de outra grande e variada lista de atividades, que nem sempre se relacionam entre si. É uma esperança apostar na quantidade como sinônimo de qualidade no planejamento, o problema é que ela nem sempre se realiza, uma vez que esse tipo de planejamento pouco serve ao professor, tanto no desenvolvimento quanto na avaliação das ações realizadas.

Ao ler esses planejamentos congestionados de objetivos e ações desconectados daquilo que o professor realmente deseja fazer, fico me perguntando por que fazer o simples parece sempre mais difícil? Essa é a pergunta que me ocorre quando vejo muitos dos trabalhos realizados por professores na Educação Infantil. Refiro-me aqui ao simples e não ao simplório ou ao simplificado, mas o simples como produto de um

percurso de trabalho sobre algo, no sentido a que se referiu Leonardo da Vinci: “A simplicidade é o último grau de sofisticação.”

Sim, fazer o simples não é fácil, mas é necessário. É necessário empreender uma busca pela simplicidade nas proposições. Simplicidade no dicionário Aurélio é: *“s.f. Qualidade daquilo que é simples, que não é composto: simplicidade dos elementos. / Ausência de complicação: simplicidade de raciocínio. / Naturalidade, desafetação: falar e escrever com simplicidade. / Falta de luxo, de pompa, de sofisticação: veste-se com simplicidade.”*

Simple nesse sentido é uma proposta mais limpa, sem dispersões e sem grandes quantidades de atividades variadas, principalmente porque a relação entre essas atividades variadas de um modo geral só faz sentido para quem as propõe. Se o assunto é borboletas, não é preciso passar meses vendo quadros de borboletas, cantando canções de borboletas, desenhando e pintando etc., mas sim, ter clareza de onde o tema nasceu e o que se quer com ele, para assim poder planejar e encaminhar as situações de ensino de modo a promover o estabelecimento de relações com o que as crianças já conhecem e possibilitar construir relações e sentidos para o que não conhecem. O objetivo do professor - e da instituição de Educação Infantil - ao planejar é promover o desenvolvimento das crianças, o que ele planeja, portanto, é sua ação como mediador na articulação das experiências e saberes das crianças.

O antônimo de simplicidade é afetação. Afetação nos planejamentos seria, assim, o excesso de ações com um efeito mais decorativo do que efetivamente didático. Por isso, o primeiro ponto importante em um planejamento é a **justificativa**. A justificativa de um bom planejamento deve explicitar os motivos da escolha do professor, e esses motivos dizem respeito aos sujeitos a quem se destina a proposta e ao conteúdo proposto. Por isso, deve mostrar que tenho clareza do que proponho para as crianças, para a minha turma - não para outras crianças, de outras turmas. Ou, em outras palavras, porque proponho esse conteúdo ou tema agora, para essas crianças? Quanto às crianças, o que já sabem, o que já aprenderam, que interesses e curiosidade mostram, que torna pertinente a proposição? E quanto ao conteúdo ou tema, a pergunta é qual a sua relevância para crianças na Educação Infantil em geral? Quando respondo para quem e por quê, quando há clareza sobre porque a proposta é

importante para aquelas crianças especificamente, está justificada a minha proposição e estão criadas as condições para a emergência dos **objetivos** da proposta. E os objetivos, por sua vez, devem estar relacionados com as mudanças que quero promover, desenhadas no quadro inicial da justificativa.

Para maior clareza dos objetivos, é preciso observar e conhecer as crianças e fazer propostas de mudanças pensadas para o momento em que elas estão. Por essa razão é que na justificativa de um planejamento é sempre importante uma referência ao que as crianças já sabem e ao que as mobiliza no momento. O que vi nelas que justifica a minha proposição?

E isso, que parece simples e óbvio, é muito sofisticado. Sim, sofisticado porque nesse caso fazemos uma proposta com mais tempo e atenção aos movimentos das crianças, ao seu modo próprio de pensar, aos seus interesses e ideias e possibilidades, focada na sua experiência de aprender, e não apenas um conjunto de ações variadas organizadas em torno de um tema. Isso é escutar as crianças e dá algum trabalho, mas, como já disse Clarice Lispector, *“Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho.”*

### **Por que então planejar?**

Planejar é estabelecer objetivos de mudança em uma situação determinada, definir etapas para realizar essas mudanças e alcançar o que se propõe e, por fim, definir as formas de avaliar se o que se pretendeu foi realizado. O planejamento é o estabelecimento de uma intenção inicial de trabalho, que, por ser realizada na interação com as crianças em uma situação real, singular e única, pode resultar diferente do que se pensou e previu inicialmente. Como não se pode controlar o que está por vir, o planejamento é sempre uma hipótese de trabalho, uma vez que só conheceremos o impacto das ideias e proposições sobre os sujeitos – crianças, as situações paralelas que podem ocorrer, os acontecimentos inesperados etc., no desenvolvimento das ações planejadas.

O planejamento é uma rota de trabalho, com objetivos e etapas de desenvolvimento que, se previamente definidos, conduzem o processo, balizam as decisões a serem tomadas no percurso (mais etapas? menos? outras ações?) e

desenham a avaliação das ações desenvolvidas. Sendo uma hipótese de trabalho para orientar minha ação, é com ela que dialogo ao avaliar a pertinência das ações planejadas e a necessidade de adequações. Sendo uma carta de intenções de promoção de mudança e desenvolvimento, é a partir dela que avalio os resultados alcançados e as mudanças promovidas.

### **Para quem planejar?**

O planejamento é uma rota de trabalho, com objetivos estabelecidos a partir da observação das crianças: o que sabem, o que interessa a elas, o que ainda não sabem, o que já fazem sozinhas e o que não, o que já aprenderam...; do projeto pedagógico da escola: as diretrizes, os princípios e fundamentos do trabalho, as prioridades estabelecidas, os projetos institucionais...; do conhecimento das famílias e da comunidade: seus modos de ser e de viver, saberes, tradições, desejos etc. Ou seja, o planejamento é situado para sujeitos específicos em um contexto determinado, planejo para assegurar o tempo e o lugar de aprender, para criar e ou enriquecer as oportunidades para as crianças crescerem e aprenderem em grupo. É por isso que não faz sentido algum simplesmente copiar o planejamento de outro colega e querer transpô-lo literalmente para meu grupo, mesmo que esse colega seja extremamente competente; também não faz sentido copiar o planejamento na íntegra de um site educacional, mesmo que ele seja extremamente confiável. Dessa perspectiva, não se pode falar em um bom planejamento somente de um ponto de vista geral; o bom planejamento é aquele pensado e elaborado para um grupo singular, situado em um contexto e tempo, de acordo com suas características e necessidades. Posso então tomar um planejamento como referência para elaborar o meu, mas jamais copiá-lo na íntegra, porque isso não faz sentido. Assim, a tarefa maior e mais impactante ao planejar não é inventar objetivos e etapas de trabalho mirabolantes e inovadoras, mas propor ações – ou adaptar no caso de ter uma referência - a partir da observação atenta e cuidadosa das crianças, os sujeitos para quem planejo, para enriquecer a experiência de crescer e aprender em grupo. E que só assim são de fato sujeitos e não objeto das proposições.

## O que planejo?

Planejo os tempos e os lugares de aprender e as interações a serem promovidas. A questão do planejamento do tempo vale alguns apontamentos para reflexão, dado que muitos planejamentos trazem com frequência dois tipos de situações: uma é a ideia de que é preciso tratar a mesma coisa de muitas formas e a outra é que uma única vez é suficiente.

No primeiro grupo estão os planejamentos que tentam extrair tudo de uma única situação; assim, planeja-se uma única leitura de um texto sobre o lobo e os cabritinhos e na sequência uma grande variedade de situações para contar cabritinhos, levar os cabritinhos ao lobo, colorir cabritinhos, cantar a música do lobo etc. O problema desse tipo de planejamento é que não se considera em nenhum momento o tempo das crianças de aprender e nem como tornar delas a relação entre todos esses tipos de proposições para promover aprendizagens de fato e não falsos problemas matemáticos e simulações de contextos de trabalho que só fazem sentido para o professor.

No segundo grupo está a ideia de que com uma única vez as crianças pequenas podem aprender alguma coisa nova. Nesses casos ocorre que o professor, pensando ainda no exemplo da leitura de um texto sobre o lobo e os cabritinhos, organiza muitas ações para fazer suspense sobre a história, cria um personagem que trará a história para as crianças depois, fantasia-se, faz muitos eventos dias depois da leitura, mas a leitura é feita uma única vez. Esse tipo de planejamento desconsidera a complexidade do objeto de conhecimento em questão – os textos literários – e, como no primeiro caso, o tempo e a frequência que as crianças precisam para se aproximar de um conhecimento novo.

Planejo os espaços em que as atividades ocorrerão, com que duração, quantas serão, em quais ocasiões, por quanto tempo, quais materiais serão utilizados, quais agrupamentos serão feitos, os encaminhamentos a serem feitos pelo professor etc. Enfim, planejo as condições para que as crianças possam se apropriar de determinadas aprendizagens. Planejo essas condições a partir do conhecimento do funcionamento

institucionais e da observação das crianças e, tendo assim planejado e organizado previamente algumas das condições de trabalho, posso estar mais disponível para uma aproximação real com as crianças, deixando de exercer uma ação somente centrada no adulto, para buscar uma maior compreensão das crianças e de como interagem com minhas propostas. Ou seja, mais organizada, posso me ocupar um pouco mais de observar os efeitos de minhas ações sobre as crianças.

### **Uma sugestão**

Uma orientação simples, que costumo seguir ao planejar e ao ajudar os professores a planejar, é:

- Ter clareza da situação inicial que se tem e que se quer mudar, e descrevê-la como uma foto, a sua situação 1, seu diagnóstico inicial.
- A partir da situação 1 você imagina a situação que deseja ter, as mudanças que deseja promover na situação, descreve-a e tem a sua foto / situação 2, que são os seus objetivos.
- Compare as duas situações, a diferença entre elas é que ajudará você a definir o percurso a seguir. Se a distância for grande demais e impossível de ser percorrida no tempo que você tem, talvez a situação 2 tenha de ser ajustada às suas condições reais. Feitos os ajustes, pense nos passos necessários para percorrer o caminho da situação 1 para a situação 2, eles são as suas etapas de trabalho. Liste-as sem dispersão.
- A sua situação 2 é o seu parâmetro para avaliação do trabalho que, evidentemente, só faz sentido se comparada com a situação 1, da situação inicial. Você avalia aquilo que propôs realizar. E se isso está claramente posto, você fica disponível para enxergar outras tantas mudanças promovidas e não presentes no seu horizonte inicial.
- A situação de avaliação pode tornar-se a sua foto / situação 1 para um novo planejamento!

### Com base em que planejar?

As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil definem o currículo como “um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico” (artigo 3º.).

Nessa concepção, a criança, considerada ativa, curiosa competente, questionadora, com desejos e fantasias próprias, com suas experiências e saberes é o centro do planejamento curricular. Nesse processo, o papel do professor é o de realizar uma ação mediadora, buscando promover uma articulação entre os saberes das crianças e os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico ou tecnológico, que interessam a elas.

O planejamento da prática pedagógica precisa levar em conta que as crianças, conforme preconiza a Sociologia da infância, são agentes ativos que constroem suas próprias culturas. Nele precisam estar implícitos ou explícitos o reconhecimento das produções infantis como parte integrante das culturas das infâncias e que as crianças contribuem para a produção do mundo adulto. Isso pode ser expresso no interesse e respeito pelos modos de ser, agir, pensar, fantasiar, conviver das crianças e no propósito de apoiar seus interesses e desejos de conhecer e saber sobre o mundo e os mundos. Isso quer dizer planejar para a promoção das aprendizagens das crianças, valorizando suas iniciativas e conhecendo suas necessidades e não do ponto de vista dos conteúdos de ensino frequentemente listados nos planejamentos pensados na perspectiva do adulto. Isso significa também dar ao brincar e às brincadeiras infantis outro status dentro da prática educativa, reconhecendo que o brincar é a linguagem principal da criança e tem um valor em si mesmo.

É preciso enfim, ter muita clareza da especificidade da Educação Infantil em relação aos demais segmentos e planejar considerando essas marcas. O brincar e as interações, eixos norteadores do trabalho, segundo as Diretrizes; a indissociabilidade entre cuidar e educar e a importância dos cuidados que educam; o trabalho com as linguagens; a parceria com as famílias e a comunidade, são algumas das marcas que



caracterizam a Educação Infantil, que não podem ficar de fora e fundamentam as proposições.

### **Um exemplo para comentar: a leitura de textos literários**

Escolho dois exemplos para breves comentários porque observo sempre um grande investimento de trabalho por parte dos professores, contudo, muitas vezes, observo alguns pressupostos equivocados nesse esforço. Planeja-se muito sobre a ideia:

- de que as crianças precisam aprender uma pequena parte por vez, assim é sempre apresentada a elas apenas uma pequena parte das coisas apenas. É preciso se perguntar para quem isso faz sentido. Será que faz sentido para elas?
- ou de que é preciso fazer suspense, criar um clima de expectativa para que as crianças se envolvam, mesmo que isso implique ficar uma semana mantendo em suspense algo com um sentido muito discutível para as crianças. Ora, as crianças se envolvem com coisas reais, quando são interessantes e instigantes.

E assim aparecem nos planejamentos os problemas e conteúdos artificiais que não existem para as crianças: gráficos que não são gráficos, mas apenas sobreposição de cartões para visualizar quantidades.

### **A leitura de textos literários pelo professor**

É muito comum que os planejamentos de situações de leitura pelo professor na Educação Infantil tragam preocupações com a alfabetização e o ensino de valores. São preocupações relevantes e pertinentes na Educação Infantil, sem dúvida, mas o caminho talvez não seja bem esse, porque a primeira envolve um aprofundamento maior no conceito de alfabetização e o rompimento da tradição de um trabalho predominantemente oralizado na Educação Infantil, sem a presença da cultura escrita e do uso real da escrita e da leitura no cotidiano; e a questão dos valores merece uma

discussão sobre como se aprende e se ensina valores e atitudes, dado que é certo que por transmissão não se incorpora novos valores.

Ocorre que a excessiva preocupação com a apresentação do alfabeto, por exemplo, como um conjunto de letras, e não um sistema de representação, que fica, assim, desprovido de seu conteúdo simbólico, acaba ocupando o lugar do grande valor que a leitura de textos literários tem na Educação Infantil e que nem sempre é claro para os professores. A leitura abre novos mundos, leva-nos a viajar por muitos lugares sem sair do mesmo lugar, nos humaniza à medida que possibilita compartilhar sentimentos, emoções, angústias, afetos. Por meio da leitura as crianças podem conhecer a língua que se escreve, suas características e funcionamento, conhecimento fundamental para a alfabetização.

Contudo, tudo isso só pode ocorrer na Educação Infantil se ao planejar a leitura escolho bons títulos e tenho claros os critérios de escolha; se leio frequentemente para os meus alunos, e é por isso que as atividades permanentes têm um grande valor, pois possibilitam aproximar as crianças do novo e familiarizar-se com ele; se compartilho com as crianças as impressões e os efeitos do texto e dos textos sobre nós, com um espaço para a criação de sentidos pessoais a partir deles (e não de situações de interpretação). Tudo isso parece óbvio, mas, talvez não seja tão óbvio assim, posto que ainda são muito frequentes as situações em que muitos planejamentos ainda trazem uma única história e posteriormente, dias a fio se organiza o trabalho com uma grande variedade de conteúdos, ou aqueles que tratam a leitura associada apenas a elementos mágicos, sob o pretexto de encantar com a leitura, ou, ainda, aqueles que planejam o trabalho com a leitura como um meio para ensinar outros conteúdos.

Ao planejar as situações de leitura é preciso ter clareza de que estamos formando crianças leitoras e que cativar pequenos leitores nem sempre é tarefa fácil e rápida. Isso demanda um longo trabalho com contos tradicionais infantis em diferentes versões, contos modernos, histórias da tradição oral, poemas e outros, com leitura diária, previamente preparada, com o objetivo de incrementar o repertório das crianças e disponibilizar para elas tudo o que o mundo da leitura pode abrir a qualquer um de nós. Isso significa respeitar a inteligência das crianças e tratá-las desde sempre

como leitoras que podem comentar um texto, falar de coisas que a leitura lhes desperta, de lembranças e associações, pedir para ouvir outra vez. Isso significa também poder frequente e sistematicamente escolher entre muitos títulos um que lhe chama a atenção e folhear com tranquilidade, comentar com a sala depois, indicar para um amigo, enfim, poder agir como um leitor. É isso que se planeja.

O planejamento de uma sequência didática de leitura deve ter então, como alguns dos objetivos, focados nas crianças leitoras, a ampliação de seu repertório sobre os contos de um determinado tempo, lugar ou autor; a escuta de textos longos, narrativas sem imagens, narrativas com imagens; a conquista da condição de ouvir e comentar as histórias lidas com outros leitores. Todos esses objetivos, focados no valor da leitura e na formação de leitores, devem ter presença obrigatória em um planejamento de leitura de textos literários na Educação Infantil.